

Trabalho, sexualidade e vida íntima: gogo boys, o mercado do sexo e seus dilemas morais.

Manuela Vieira Blanc¹

Resumo: Este artigo analisa os relatos de dois profissionais do mercado do sexo, identificados como gogo boys ou *strippers*, conferindo destaque para os dilemas vivenciados em suas trajetórias profissionais e os modos como se posicionam em diferentes situações de prova experimentadas em sua vida cotidiana. Os resultados obtidos em entrevistas apontam para questões em torno da administração da vida íntima ou suas relações afetivo-sexuais, mais especificamente; a construção das suas carreiras morais, como profissionais de serviços eróticos; e a delimitação das fronteiras entre os serviços oferecidos, a sua orientação sexual e vida íntima. Foi possível identificar como esses atores efetivam suas ações circunstancialmente, agindo no interior de diferentes ordens morais, exercitando e desenvolvendo competências críticas ao logo do tempo e da construção das suas carreiras profissionais. **Palavras-chave:** sociologia da moral, gogo boy, mercado do sexo, strip-tease

Introdução: delimitações e primeiras apreensões

Este artigo se propõe a analisar, a partir dos relatos de dois interlocutores, as disputas vivenciadas em torno da oferta de serviços eróticos por *strip-teasers*, ou *gogo boys*, segundo categoria nativa, aqui considerados indistintamente. Remontando dados coletados em um mapeamento de campo realizado como atividade preparatória ao desenvolvimento de uma tese de doutorado (Autor, 2013), objetiva-se analisar o conflituoso processo de construção das suas carreiras morais, envolvendo a administração da sua vida íntima, as negociações em torno das atividades realizadas e o exercício das suas *competências críticas no agir em situação* e perante diferentes atores, inseridos ou não na profissão, para efetivar a sua posição e *lidar com a crítica*².

Prestadores de serviços do mercado do sexo³, estes se deparam com rotulações, acusações e dilemas cotidianos que implicam em um esforço constante de delimitação ou restabelecimento dos limites da sua atividade profissional, situações de prova a partir

¹Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Vila Velha, manu_uenf@yahoo.com.br.

²Competência esta entendida como uma capacidade de mobilizar dispositivos, conforme situação e demanda dos atores mutuamente envolvidos, de abstrações satisfatórias para garantir a efetivação das suas ações (Werneck, 2012 e 2015).

³Neste sentido, Agustín (2005) destaca que o mercado do sexo abarca uma diversidade de trabalhos sexuais, obscurecidos pelo termo prostituição mas que, na verdade, envolvem boates, bares, discos, saunas, produções audiovisuais, entre outras atividades, profissionais e estabelecimentos comerciais e de lazer. O termo deste modo contribui para se “pensar nos diversos tipos de inserção em um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, marcado pela mercantilização, não necessariamente assume a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro” (Piscitelli, 2005: 8).

das quais são interpelados a prestar conta dos seus atos e posicionamentos para suas namoradas e familiares, seus próprios colegas de profissão e demais possíveis interlocutores.

Inicialmente, pretende-se demonstrar como os diferentes serviços oferecidos, classificados por questões metodológicas como *gogo services*, são caracterizados por um continuum de fronteiras tênues desde a simples dança, cujo erotismo é conferido, muitas vezes, apenas pela exposição de corpos malhados, até a oferta de serviços sexuais propriamente ditos, ou *programas*. A definição da atividade profissional exercida apresenta-se, mesmo entre eles, sobretudo como um desafio de classificação, dada a variabilidade de posicionamentos e a própria indefinição do *métier*, entre os próprios profissionais entrevistados, bem como as implicações morais do seu exercício para a construção das suas identidades de gênero. As diferentes atividades correlacionadas, as sensíveis fronteiras entre os *gogo services* e a prostituição, bem como a peculiaridade com que tais classificações são acionadas na construção das suas carreiras morais são algumas das questões a serem analisadas com o objetivo de evidenciar as disputas morais experimentadas por esses rapazes e as estratégias acionadas por eles em função da sua resolução.

Gogo services: um continuum entre atividades, significados e fronteiras morais

No momento de realização das entrevistas ambos os rapazes, um com aproximadamente três e outro com seis anos de profissão, obtinham, através da dança erótica, sua principal fonte de renda. O primeiro estava se preparando para a sua primeira temporada no exterior, enquanto o segundo acabara de retornar da terceira. É importante destacar como a experiência migratória temporária (para a realização das tais “temporadas” de trabalho; na Europa, nesses casos) exerce na carreira desses profissionais um papel significativo, como símbolos de sucesso profissional e selos de profissionalismo, semelhantemente ao identificado entre prostitutas brasileiras que vivenciam experiências semelhantes, ou alimentam tal desejo (vide Silva e Blanchette, 2005).

No Brasil, os rapazes trabalhavam seis dias por semana, em diferentes estabelecimentos de lazer na cidade do Rio de Janeiro (voltados para públicos hétero ou homossexual), desde boates, clubes das mulheres, festas privadas e casas de swing. Apesar de se conhecerem e trabalharem muitas vezes em conjunto, se diferenciam quanto às suas trajetórias, representações e quanto aos limites declarados em termos de

serviços oferecidos. Através de seus relatos é possível identificar as disputas vivenciadas pelos profissionais envolvidos na oferta de serviços eróticos e os modos como se delimitam as fronteiras morais entre as diferentes atividades exercidas.

Ambos atuantes no mercado de *gogo services* da cidade do Rio de Janeiro, Max⁴ foi contatado através de um site especificamente voltado à divulgação de perfis de profissionais *gogo* do sexo masculino e contatado a partir de uma rede social. Estabelecidos vários contatos, ele foi o único a responder positivamente à proposta de agendamento de uma entrevista face a face, bem como contribuiu com a indicação de alguns dos seus colegas de profissão. Dentre esses, apenas Rick se mostrou interessado e disponível ao encontro, agendado para o mesmo dia, em horários diferentes, em local escolhido pelo primeiro, para a realização das entrevistas.

Segundo os relatos obtidos, a oferta de *gogo services* por meus interlocutores se dá, sobretudo, mas não exclusivamente, em estabelecimentos de lazer, como parte das atividades cotidianas disponibilizadas, envolvendo contratos formais ou informais com seus administradores. Estabelecem deste modo relações de trabalho que preveem uma periodicidade, em termos de dias e horários de trabalho na semana, e que se somam a contratos mais esporádicos ou flexíveis, que ocuparão os demais dias e horários disponíveis em suas agendas.

Compreender a dinâmica por trás da oferta de *gogo services* contribui para a elucidação do esquema de organização desses eventos, elucidando ainda os significados atribuídos e as experiências vivenciadas durante propostas de contrato particularizadas, seja para festas privadas, como despedidas de solteiro⁵, seja para a realização de serviços sexuais propriamente ditos, ou *programas*.

Neste trabalho estas modalidades serão tipificadas com base nas percepções desses rapazes sobre as atividades realizadas, as dinâmicas e os percalços do seu cotidiano profissional, não com o objetivo de caracterizar os serviços oferecidos em si, mas de compreender as disputas morais vivenciadas entre profissionais, contratantes e clientes e os modos como estas incidem, segundo suas falas, na construção da sua carreira profissional e moral.

⁴A forma de identificação com que se apresentaram a mim se deu através de seus nomes artísticos, utilizo neste artigo codinomes em favor da garantia da total proteção de suas identidades, seja pessoais ou profissionais.

⁵Ou mesmo festas restritas voltadas ao exercício de práticas sexuais públicas e/ou grupais, como entretenimento.

Denomino, por questões puramente metodológicas, *gogo services* como um conjunto de atividades que envolvem diferentes tipos de oferta de serviços: performances sensuais ou sexuais, envolvendo desde a dança, o strip-tease, espetáculos de sexo ao vivo ou mesmo programas (por mais que esta última atividade, quando realizada, seja compreendida como ocasional, situada e inserida na prática profissional mais ampla, contemplada pela auto identidade *gogo boy*). É interessante observar que, do ponto de vista dos meus interlocutores, a diferenciação entre essas atividades e os modos como são executadas, por diferentes profissionais em diferentes contextos, é fundamental na construção das suas trajetórias morais. Deste modo, com base em seus relatos e dadas as possíveis variações estabelecidas por cada um deles, tais atividades serão aqui tipificadas da seguinte forma:

- o *gogo dancing*: realizado por rapazes ou moças, caracteriza-se pela dança durante eventos em boates ou festividades. Os *performers* permanecem em palcos, pedestais, gaiolas ou queijos⁶, e dançam livremente, sem que haja uma coreografia pré-estabelecida, exceto quando envolvem passos de *pole dance*⁷.

Com base em trabalho de campo realizado em espaços de lazer erótico⁸, pôde-se observar que sequer com base nas vestimentas, que podem variar entre lingerie, cuecas, fantasias sexuais, figurinos disponibilizados pelo próprio estabelecimento de lazer, entre outros, é possível definir o que confere o caráter sensual ou erótico subjacente a essa oferta de serviços. Na prática, a identificação da atividade com tal conteúdo é variante, a dança podendo exercer o papel de estímulo visual secundário, como elemento decorativo durante uma programação musical em uma boate, ou como atração principal em um show *sensual* ou *erótico*. Tais delimitações são situadas e perpassam as representações que os diferentes atores envolvidos na situação a ela atribuem, mais do que a diferenciações objetivas entre as performances realizadas.

- *strip-tease*: performance de dança coreografada, envolvendo a remoção progressiva da vestimenta do dançarino ou da dançarina. Assim como a modalidade

⁶Categoria nativa. Segundo relato dos entrevistados trata-se basicamente de um pedestal montado no palco ou em diferentes locais do estabelecimento de lazer. Em performances de *pole dance*, o queijo possui um mastro central, utilizado como ferramenta para as performances.

⁷Destaco que tal modalidade também pode envolver performances individuais em shows, aproximando-se nesses casos do *Strip-tease* no que se refere à duração e formato.

⁸Coleta de dados esta que se concentrou em um clube de swing e uma sauna libertina (estabelecimentos localizados, respectivamente, nas cidades do Rio de Janeiro e Paris), mas que envolveu incursões de campo em outros estabelecimentos comerciais e eventos nos quais tais serviços eram oferecidos, como clubes das mulheres (ou festas “*ladies first*”, no Brasil) e *maisons échangistes* (em Paris).

apresentada anteriormente, o momento final da performance, bem como o significado a ela atribuído por seus expectadores, pode variar enormemente.

Durante o período de realização do trabalho de campo, os strip-teases masculinos observados envolviam a encenação de personagens (marinheiro, policiais, “bandidos”, entre outros), as performances femininas apresentando uma relação menos direta entre as vestimentas utilizadas e o conteúdo do show propriamente dito.

Quando há contato com o público, situação observada em um Clube das Mulheres carioca, as espectadoras são levadas ao palco e convidadas a participar da apresentação, que então assume o caráter de um *show sensual* em que são encenados esquetes que remetem ao processo de sedução, às preliminares ou o ato sexual propriamente dito. Segundo dados de observação, essas clientes assumem o papel de atrizes coadjuvantes durante essas encenações padronizadas, realizadas pelos diferentes profissionais de acordo com a personagem encenada. As apresentações variam ainda no interior de um repertório de cenas envolvendo posições sexuais, a utilização de objetos (como tecidos, chapéus, entre outros elementos de palco) ou recursos (como chantilly e outras substâncias comestíveis, que devem ser lambidas no corpo do dançarino, da cliente ou mutuamente).

A nudez frontal ou total masculina depende, segundo observação e relatos obtidos, unicamente do interesse do contratante, a princípio não havendo variação de preço pelo serviço, nem restrições por parte dos profissionais entrevistados. Conforme os relatos, o nu frontal é uma exigência recorrente em eventos voltados para o público homossexual e, nesses casos, não há contato com os seus clientes durante o show. O inverso fora relatado quanto aos espetáculos em clubes das mulheres, o que se confirmou em dados de observação. Quando não desnudados, os dançarinos permanecem de sunga, ao final do show, por mais que as apresentações possam envolver performances sensuais com mulheres selecionadas por eles mesmos entre a plateia (e descritas acima).

O caráter supostamente sexuado das exibições é ainda colocado em questão quando avaliados os sentidos de tais performances em diferentes contextos ou situações. Cicco (2013: 4) destaca que “o *gogo boy* e a *gogo girl* são objetos secundários das exibições” transcorridas em baladas gays, em consonância com os relatos dos meus interlocutores quanto às atividades profissionais realizadas nessas boates, estabelecimentos de lazer dos quais extraem sua principal fonte de renda. Dados

semelhantes àqueles obtidos durante as performances de strip-tease observadas no clube de swing observado e que serviam mais de estímulo às performances espontâneas dos próprios clientes, intensificando os processos de sedução já em andamento entre eles, do que ao direcionamento do seu desejo aos profissionais em apresentação.

A dinâmica de *strip* em eventos homossexuais assume especificidades, segundo relatos de Max, um dos entrevistados. O rapaz me descreve os shows contratados pela *Le Boy*, então famosa boate gay situada na Zona Sul carioca. Os shows voltados para o público homossexual envolveriam performances mais elaboradas, já que o show, de dez minutos, não conta com a participação dos clientes. Nessas ocasiões, os rapazes permanecem no palco, sozinhos, e realizam performances teatralizadas enquanto se despem. O nu total é uma exigência na *Le Boy*, afirmam os entrevistados, assim como os rapazes devem manter-se em ereção durante todo o show. As apresentações culminam com o nu total e a exibição de seus órgãos sexuais, exigindo desses profissionais uma dose extra de domínio de si (ou de engenhosidade):

O problema desse show é um outro problema. É o que eu falo pra você, as pessoas acham que essa vida é uma maravilha, que é fácil. Não. Exige muita concentração e descanso durante o dia, porque? É, eu tenho que me preparar antes de entrar no palco. Você tem duas opções: Ou você faz o show de *stripe* sai sem mostrar nada, e volta; marca uns cinco minutos e volta, ou você faz o show todo direto. Eu acho que quebra muito, você voltar, entendeu? Eu prefiro já fazer direto. Só que para fazer direto você tem que ter uma concentração meia... assim, exigida, assim. Igual lá na Europa. **Pesquisadora**- E tem que permanecer excitado, é o que você quer dizer? **Max**- Sim. Aí eu levava o meu laptop, botava um vídeo legal, assim. Tinha que estar descansado durante o dia também, né? Não pode “aloprar”. Via um vídeo assim, legal, e... porque a gente já tem que fazer o show todo assim, entendeu? (Max, 33 anos)

Os rapazes entrevistados mencionaram ainda a utilização, nessas situações, de artefatos que garantem a manutenção do pênis involuntariamente ereto, como anéis penianos, que prendem a circulação do sangue. Desconfortáveis, essas ferramentas de trabalho garantiriam a manutenção do jogo de cena necessário ao pleno cumprimento dos seus deveres.

- o show “*sensual*”: envolve um casal, sejam ambos profissionais ou não, e consiste em uma simulação da relação sexual. Esta modalidade é menos uma variante em si do que no interior de outras modalidades de serviços, podendo ser observada no

contexto da dança ou do próprio strip-tease⁹, como uma performance cooperativa entre profissionais ou envolvendo clientes voluntários, assim como o descrito anteriormente; - e as performances de *sexo ao vivo*: profissionais contratados realizam o ato sexual sob o olhar do público. Essa modalidade nunca fora observada durante os trabalhos de campo realizados, mas a sua menção por um dos gogo boys entrevistados nos conferem importantes pistas para a compreensão das disputas morais envolvendo os profissionais gogo. Max, em sua entrevista, se remete a um colega de profissão que, em parceria da própria namorada, ofereceria tais serviços. O rapaz, que relata nunca ter participado de uma performance de sexo ao vivo, sugere que, ao fazê-lo, o colega estaria expondo a namorada, *que nem é gogo girl*, publicamente. Max também não faz programa e não namora garotas do ramo.

Diferentes modalidades de encenação erótico-sexual são conciliadas pelos profissionais entrevistados, a venda de serviços sexuais propriamente ditos não sendo percebidas como parte da atividade *gogo* em nenhum dos casos. Mas linhas tênues diferenciam os *gogo services* da prostituição, linhas estas definidas muito mais através de suas identidades sociais do que pelas possíveis atividades desenvolvidas, por um lado, e que atravessam o seu cotidiano profissional (e mesmo privado) através de propostas (por parte dos clientes) e acusações (direcionadas por seus pares). Destaco que tais classificações, baseadas em categorias nativas, correspondem a uma delimitação teórico-metodológica, que pretende se aproximar da realidade como tipos ideais acessórios à análise, apresentando variações observáveis. Denominam-se, neste trabalho e de forma indistinta, profissionais *gogo* aqueles que exercem ao menos uma dessas atividades.

Pensadas no interior de um continuum moral, que parte das atividades que assumem na delimitação da sua identidade profissional (a dança, seguida de strip-tease ou não, relatada como base da sua atividade como gogo boys e principal fonte de sustento) até aquela que está representada no limite da fronteira entre ser gogo boy e ser garoto de programa (a performance ao vivo, ou mesmo a prostituição, mais além, do ponto de vista dos seus relatos, como atividade ocasional e situada, quando realizada), os meus entrevistados conjugam quase todas essas atividades, com maior ou menor frequência, variando segundo as demandas do mercado e seus posicionamentos

⁹Uma boate carioca famosa por seus clubes das mulheres semanais organiza uma noite mensal onde as clientes chamadas ao palco para as performances beijam os rapazes, durante os outros eventos realizados no mês os beijos não são permitidos ou pressupostos durante as apresentações.

peçoais. É importante destacar que estas não se apresentam em sua forma pura, necessariamente, os shows podendo envolver sequências de performances que variam de uma modalidade a outra.

Os rapazes costumam trabalhar entre 22h30min e 4 h da manhã. Tal cotidiano dificulta a conciliação com uma segunda atividade remunerada, segundo os relatos obtidos. É importante destacar que a manutenção da profissão envolve ainda o cuidado com o corpo e a manutenção da aparência *adequada*¹⁰ ao exercício dessa atividade profissional. Mais do que beleza, a demonstração de força física pelos rapazes é destacada por Arent e Carrara (2007) como um elemento altamente valorizado pelos clientes, de ambos os sexos, durante as performances, exigindo desses profissionais um trabalho contínuo de preparação física, bem como empenho na construção das apresentações.

Ambos os rapazes afirmam sustentar-se apenas com os *gogo services*. Assim também, a manutenção dessa atividade profissional incide sobre suas vidas privadas, como reflexo da dinâmica particular que caracteriza o seu trabalho, temporal e espacialmente (envolvendo ainda as tão valorizadas e desejadas temporadas no exterior) e os conflitos que envolvem a sua conciliação no interior das relações afetivo-sexuais estabelecidas entre eles, seus familiares e, sobretudo, namoradas, com as quais podem compartilhar ou não a mesma atividade profissional.

Disputas morais de diferentes níveis atravessam seus relatos, redefinindo o horizonte de pesquisa, então delimitado no roteiro de entrevistas, a partir do modo como suas respostas se desdobram em novos caminhos e que evidenciam as situações limites com as quais se deparam em diferentes momentos das suas trajetórias. Reflexo das trajetórias morais descritas, os rapazes demonstram lidar com tais questões como quem se encontra em uma situação de ruptura iminente, que pode colocar em questão masculinidades, afetos e carreiras profissionais. Deste modo, elucidam estratégias de manutenção (das suas relações, íntimas ou profissionais; dos seus papéis sociais, da suas autoimagens, entre outros), bem como apontam para os *dispositivos de justificação* utilizados em seu favor, ou para as explicações circunstanciais acionadas com o objetivo de *restaurar a ordem*, diante das *situações de prova* (Werneck, 2012) com as quais se deparam continuamente.

¹⁰O caso das *gogo girls* assume especificidades, já que os corpos magros das modelos são substituídos por corpos malhados e fartos.

Os casos, os relatos e as fronteiras morais: entre o ser e o não ser

Max era um carioca de 33 anos no momento da entrevista, heterossexual declarado, possuía o segundo grau completo, uma filha de quatro anos e morava com a namorada. Antes de tornar-se gogo boy, Max foi paraquedista. Sua experiência como gogo boy se iniciou em uma boate e graças ao convite de um colega de trabalho. Quando questionado sobre a sua inserção nessa atividade profissional, ao invés de relatar suas primeiras experiências no ramo, ele imediatamente se remete ao primeiro conflito vivenciado entre a nova atividade remunerada e sua vida íntima, ocorrida em um curtíssimo espaço de tempo, após o início das suas atividades como gogo boy, e que o levou a abandonar a atividade, então recém-iniciada:

[dancei] uma vez na semana, um mês mais ou menos, aí conheci uma menina e comecei a sair com ela e etc., etc., aí a gente começou a se gostar e começamos a namorar. Aí ela falou: *Oh, sai disso, eu vou arrumar outro trabalho pra você, vou te dar um carro, eu vou te dar tudo...* a gente já estava se gostando, eu nem sabia que ela tinha dinheiro, na verdade. Aí eu fiquei com ela, aí eu larguei, aí eu parei de dançar e tal, aí eu fiquei uns três anos com ela, mais ou menos (Max, 33 anos).

Além da ruptura, a sua fala sobre o início da carreira está marcada pelo paradoxo que o fez interrompê-la, ainda tão precocemente. Se o relacionamento amoroso então vivenciado motivou o seu afastamento da nova atividade profissional, as condições oferecidas pela sua então namorada permitiram essa tomada de decisões, bem como o levaram a um novo dilema: a condição financeira dela viabilizou a mudança, mas, e foi importante para ele destacar, ele *nem sabia que ela tinha dinheiro*.

Piscitelli (2005: 8) destaca que “a inserção no mercado do sexo está longe de restringir-se à realização do que, no Brasil, é popularmente conhecido como programas”. Utilizando a figura do “*velho que ajuda*”, a autora se remete aos casos de jovens de camadas populares que conciliam apoio econômico e o estabelecimento das suas relações sexuais, sem sequer serem consideradas prostitutas. No caso estudado, a conexão realizada pelo próprio entrevistado entre a manutenção da atividade de gogo boy, ou sua ruptura, e a necessidade de auto sustento, sugere como ele próprio relaciona a “ajuda” oferecida pela namorada, em termos de vantagens econômicas diretas ou indiretas, ao seu redirecionamento profissional. O remontar dessa história, por outro lado, o remete a um dilema que ainda persiste e que marca a sua trajetória e os modos como efetiva a sua atividade profissional como gogo boy, em diferentes momentos.

Após o fim do relacionamento, Max trabalhou numa *loja de surf*¹¹ por mais três anos, período durante o qual fez alguns trabalhos como modelo, até que surgiu um novo convite para trabalhar como *gogo boy*. Nessa ocasião, Max estava namorando outra garota. Ciente das implicações que o retorno a essa atividade profissional poderia trazer para o seu novo relacionamento afetivo-sexual, o rapaz utiliza outra estratégia para coordenar sua vida profissional e privada e, a partir desse momento, *volta a dançar*, segundo seus termos, mantendo a atividade em segredo para a namorada. Equilibrando o cotidiano como *gogo boy* e a rotina doméstica, oferece a ela uma *desculpa* para explicar a fonte de renda obtida e que justifique os seus novos horários e dias de trabalho. Max sustenta estar trabalhando como segurança de boate, durante alguns meses, até que a sua então namorada encontra uma de suas fantasias em uma mochila.

A insatisfação da então namorada quanto ao seu novo trabalho não resultou em um novo afastamento da atividade, ao contrário, a descoberta da sua gravidez o permitiu redefinir o sentido dessa atividade então tornada fonte positivada de sustento do casal:

Na época a mãe da minha filha estava grávida. Namorei com ela quatro anos, aí ela ficou grávida. Aí eu aproveitei esse lance todo e aceitei [o convite para retomar as atividades como *gogo boy*], aí, quando ela descobriu, deu o maior problema. [...] Aí ela: *Você voltou pra essa putaria!* Aí eu peguei e conversei, falei: *olha, você tá grávida, eu não posso trabalhar num emprego que eu vou ganhar um salário mínimo e eu vou ganhar mais fazendo isso. E eu só danço, sou profissional...*

Se o primeiro afastamento da atividade foi justificado pela condição financeira de uma namorada, a dificuldade financeira vivenciada ao lado da outra namorada justificou o seu retorno ao mercado sexual. Ainda assim ao rapaz é necessário efetivar a sua posição no interior do campo em disputa: *ele é sério, só dança!*

A mudança no curso de ação de Max nas duas experiências de confronto confere destaque aos processos de desenvolvimento da sua carreira moral (Becker, 2008). Progressivamente, o rapaz torna-se capaz de acionar estratégias de evitação de uma nova ruptura (seja do relacionamento ou da atividade profissional), bem como aprimora a sua competência em dar provas da sua integridade moral e que efetivem a manutenção da carreira como *gogo boy*. Torna-se capaz de *reinventar e reinterpretar o passado*, no que refere às suas representações sobre sua própria atividade profissional, o que incide sobre o modo como demonstra ser capaz de

¹¹Termo utilizado pelo próprio entrevistado para caracterizar seu vínculo profissional, se referindo, com a expressão “loja de surf”, a uma loja de roupas e acessórios identificada com o surf em termos de estilo. Não deixou claro se a loja também comercializava artigos esportivos para a prática do surf.

justificá-la perante o outro, *visando a um futuro rotineiro*, nos termos de Werneck (2012).

No momento de realização da entrevista, Max já havia se separado da mãe de sua filha e já morava com uma nova namorada. Se as idas e vindas do rapaz evidenciam uma relação com os serviços profissionais que presta que interfere no estabelecimento de seus relacionamentos amorosos, ao mesmo tempo, as estratégias de negociação acionadas pelo rapaz variaram com o tempo, bem como variam de acordo com a situação.

Esses sentidos são disputados pelo rapaz ao longo da entrevista em diferentes outros níveis e segundo lógicas em certos casos complementares e, em outros, conflitantes entre si. Nenhuma das namoradas que teve desde que se tornou gogo boy trabalha ou já trabalhou com a dança erótica. O rapaz assume pra si os custos da carreira escolhida, alegando compartilhar com as namoradas *apenas benefícios*.

Desse modo participa da criação e administra uma moral própria a cada relação estabelecida, envolvendo regras de delimitação entre carreira profissional e o relacionamento amoroso estabelecido. Se, em um caso, a situação financeira da namorada é um recurso ao rompimento com a carreira de gogo boy, nos demais, a atividade profissional, necessária ao sustento financeiro do rapaz, é justificada no interior da própria relação amorosa. Para tanto, por outro lado, é necessário agir de acordo com a situação: “tipo, acaba o show, eu vou pra casa... não tem problema, assim, de estresse”. Não tem estresse, porque ele se comporta segundo a lógica que rege o contrato monogâmico exclusivista sexual estabelecido com ela e enquanto assim se comportar.

Tais conflitos evidenciam a carga moral que subjaz a essas atividades profissionais, remetendo esses rapazes a um convívio conjugal potencialmente conturbado. Max administra esses conflitos *moralizando* seus discursos e seus hábitos, o que se refletirá também no modo como se relaciona com as fronteiras da sua atividade profissional e com os demais profissionais da área, assim como será demonstrado em seguida.

Ser “tranquilo”, “ir direto para casa depois do show”, segundo o relato de Max, implica em na reversão de uma lógica associada aos rapazes que trabalham com a dança erótica, ou coloca em questão as acusações com as quais o próprio rapaz se sente confrontado. O rapaz aciona deste modo um *ethos* que o diferenciaria dos demais gogo

boys, ou o distanciaria de uma imagem estigmatizada desses profissionais, ao menos com relação à ela e em função da manutenção da estabilidade do relacionamento.

Ser gogo boy não significa trabalhar como garoto de programa, destaca o rapaz, e uma das condições para se obter respeito entre os contratantes seria, justamente, manter bem delimitadas essas fronteiras. Max se auto intitula *gogo boy* e *stripper*, não participa de *performances de sensual* nem des *exo ao vivo* e alega jamais ter aceitado uma proposta para *fazer programa*. O que não quer dizer que nunca tenha saído com clientes das boates nas quais trabalha, bem como se remete, espontaneamente, à condição financeira da namorada por quem se afastou dessas atividades durante um tempo.

A administração dos conflitos pessoais que subjazem a construção da sua carreira profissional evidenciam um conflito básico que permeia as suas falas, que envolve a relação entre dinheiro, afeto e sexualidade, e que atravessa a sua vida profissional e a sua vida íntima, de modos complementares. Tal disputa afeta o modo como delimita suas relações com demais profissionais do mercado do sexo, elucidando as fronteiras que ele mesmo estabelece quanto ao que percebe serem os limites da sua profissão.

“É o sonho de toda garota de programa namorar gogo boy”, afirma, ao mesmo tempo em que demonstra que a recíproca parece ser verdadeira. Segundo o rapaz, essas moças contariam com uma vida financeira mais farta e que muitas vezes *bancam os caras*(os namorados). Ao mesmo tempo, continuam a fazer programas, pois, supostamente, esse perfil de namorado “seria mais compreensível” e “aceitaria” mais facilmente a sua profissão.

Em favor do processo de efetivação da sua carreira profissional, Max aciona os ganhos financeiros que ela lhe proporciona, dados os benefícios monetários de uma vida a dois vivida com mais conforto e qualidade, em comparação com as alternativas possíveis e seus devidos custos, mas relacionar-se com moças que compartilham de uma mesma carreira, maximizando esses benefícios, não está ou jamais esteve nos seus planos. Prestar serviços sexuais propriamente ditos, seja em *performances de sexo ao vivo* ou realizando programas, ultrapassa os limites da sua profissão, do seu ponto de vista, por mais que envolva maiores ganhos.

Rick vivencia outros tipos de conflitos e age segundo outra lógica. Tinha 26 anos, era heterossexual declarado, possuía segundo grau completo e se dividia entre a

moradia dos pais e a casa da atual namorada, no momento de realização da entrevista. O rapaz trabalhava como segurança em boates e eventos, até que foi convidado a iniciar a sua carreira como gogo boy, há aproximadamente três anos, realizando “um antigo sonho”. O rapaz se preparava para a sua primeira viagem internacional, quando nos conhecemos, conquista profissional mediada pelo próprio Max¹², ao que pude perceber pelas conversas decorridas entre os rapazes no intervalo entre o fim da entrevista realizada com um e a chegada do outro.

À época da entrevista, Rick trabalhava como gogo boy seis vezes na semana, assim como Max. Ambos eram exclusivos de uma boate voltada para um público homossexual situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, o que lhes garantia um determinado número de shows por mês e que tendiam a se concentrar nos finais de semana, dependendo do evento oferecido pela boate.

Ambos declararam receber propostas de diferentes tipos dos espectadores desses eventos. Esta teria sido a principal fonte de descontentamento de Max em relação à profissão, em seu início de carreira. Mas, segundo o rapaz, com o passar do tempo e “sabendo que ele não era disso”, os clientes teriam deixado de procurá-lo em busca de programas. A construção dessa reputação, valorizada por ele como um indicativo da posição diferenciada ocupada por ele em seu campo profissional, lhe eximiria do que demonstra perceber como uma situação crítica, de constrangimento:

Hoje em dia eu não tenho mais esse problema, mas no começo eu tinha muita falta de respeito em relação a... a... a gays, falando assim com a gente, entendeu? Porque na verdade não é nem falta de respeito, eles não sabem. Hoje em dia como eu tenho um nome aí, sou famoso e tal nesse meio, então eles sabem quem é quem, com quem eles vão arrumar alguma coisa e com quem eles não vão nem perder tempo, entendeu? (Max, 33 anos)

Ao contrário de Max, Rick estabelece na relação mediada por dinheiro as fronteiras entre o que considera serem relações profissionais e pessoais, regidas por lógicas autônomas entre si, ao menos até certo ponto.

Ao contrário do colega, Rick assume já ter aceitado propostas pra fazer programa, por mais de uma vez e sempre com homens. Neste nível, a maior ou menor

¹² Ambas as entrevistas foram agendadas para o mesmo dia e, dada a mediação de Max para meu encontro com Rick, os rapazes optaram por conversar comigo no mesmo local, um parquinho no Arpoador, bairro de Ipanema, Rio de Janeiro. Na ocasião, confirmadas as entrevistas, Max e Rick combinaram entre si o encontro. Como a primeira entrevista com Max atrasou, ocupando o horário de Rick, apesar do intervalo de três horas entre os encontros que eu havia programado anteriormente, o próprio Max entrou em contato com o amigo, que também se atrasou, e se disponibilizou a me fazer companhia até a sua chegada, se retirando minutos depois da chegada de Rick, o que me permitiu observar o contato amistoso entre os dois.

centralidade desses diferentes serviços e relações em diferentes esferas da sua vida o permite estabelecer critérios de justificação aparentemente incoerentes, porém complementares, garantindo a efetivação de imagens de si (e perante os outros) com base em uma lógica complexa de delimitação moral acionada por ele em momentos de ruptura iminente.

De um ponto de vista objetivo, quanto aos ganhos monetários, Rick diferencia atividades básicas de auto sustento e atividades ocasionais, de complementação de renda: assim a dança e o strip-tease subordinam a realização de programas na construção da sua auto identidade profissional; ele se autodeclara *stripper* e paga as suas contas com essas atividades. De um ponto de vista subjetivo, a profundidade das relações estabelecidas diferem relacionamentos afetivo-sexuais, estabelecidos estritamente com mulheres e sem a mediação monetária, e intercursos sexuais experimentados com homens, sempre clientes pagantes, segundo regras de estimulação mútua estabelecidas por ele; que se auto declara heterossexual.

“Eu faço o meu preço”, destaca o rapaz, com um discurso que se apresenta como uma estratégia de diferenciação com relação aos garotos de programa: se ele dá o seu preço, é porque pode escolher, se escolhe, é porque não “depende disso pra viver”. Durante a oferta de tais serviços, Rick afirma exercer apenas o papel *sexual ativo*¹³, não tocando o sexo do cliente, nem permitindo beijos. O rapaz também não oferece seus serviços sexuais abertamente, avaliando as propostas que recebe, uma a uma, e sempre *impondo o seu preço*, segundo seus próprios termos.

O olho do furacão no qual se encontrava Max, no momento da realização da entrevista, revolve uma poeira quase doméstica, apontando para conflitos conjugais e que exigiram dele a reelaboração dos modos como percebe a própria profissão, tornando-o assim capaz de ajustar moralmente suas práticas profissionais a partir da forma como gerencia a sua vida íntima.

Essa é, por outro lado, referência para a sua estabilização profissional e, do seu ponto de vista, para a conquista da posição que ocupa no campo profissional: um profissional moralmente aceitável, porque ajustado a um modelo de vida privada. Modelo este que se constitui como um arranjo diádico monogâmico e exclusivista a partir do qual a composição de um *casal* desloca e absorve seus membros, centrando-os

¹³Ao afirmar isso o rapaz se referia ao fato de não estimular ou permitir ser estimulado do ou penetrado por outro homem.

em função da própria relação vivida a dois (Kaufmann, 1999). Namorada vai, namorada vem, Max é um rapaz *sério*, no trabalho e na vida íntima, o que incide nos moldes a partir dos quais ambas as esferas da sua vida se organizam.

Diferentemente, Rick organiza, a partir do posicionamento profissional assumido, as referências que o tornam capaz de efetivar o caráter autônomo com que então experimentava a sua vida privada. O fato de ofertar ocasionalmente serviços sexuais o insere em atividades de prostituição, bem como o seu contato com clientes homens caracterizam uma experiência homossexual. Mas é na delimitação do que faz por dinheiro e o que faz por prazer, bem como daquilo que o sustenta e aquilo que ocasionalmente negocia que o rapaz constrói suas justificativas e efetiva a sua auto identidade. O fato de não beijar nem mostrar-se disponível a atividades que não a penetração anal ativa, bem como de selecionar suas propostas individualmente, segundo um preço inegociável, segundo seus relatos¹⁴, permite a Rick redimensionar suas experiências profissionais e conferir provas que sustentem a sua orientação sexual: “a gente conhece as pessoas e, dependendo da proposta, eu, particularmente, encaro, entendeu? Mas à princípio é show, que eu gosto muito, e o meu trabalho é como stripper”(Rick, 26 anos).

O rapaz destaca o profissionalismo com que se comporta, não apenas durante as relações sexuais pagas, como quando dança, como garantia de uma clara separação entre trabalho e vida íntima. Ao mesmo tempo, a forma como se dá o contato e a negociação com seus clientes sexuais, bem como o desenrolar do ato, permitem a inserção da atividade de prostituição em sua vivência profissional como *gogo boy* (ou stripper), afastando-o da alcunha de *garoto de programa*.

Rick delimita moralmente sua auto imagem estabelecendo fronteiras entre sua vida profissional e privada, apresentando em seu relato situações de disputa isentas da transposição entre esses dois mundos: o modo como se constrói profissionalmente se efetiva justamente na forma como separa profissão e vida íntima. Desse modo, propostas de programa realizadas por clientes mulheres são transpostas, segundo seus relatos, em intercursos sexuais não mediados por dinheiro: “com mulher é prazer, então, se tiver que fazer, não vai ser pago”.

¹⁴E, do ponto de vista dele, um preço mais alto do que aquele convencionalmente cobrado para esses serviços.

Considerações Finais: Notícias de uma guerra não tão particular

O contato com o público homossexual, sobretudo entre gogo boys que assumem uma orientação heterossexual, é uma das questões destacadas por ambos os rapazes entrevistados como situação eminentemente problemática, colocando-os à prova entre os pares, parceiros de profissão ou não: “Julga muito gogo boy como se fosse, é... gay, essas coisas, assim, esse tipo de coisa, assim. Como se fosse garoto de programa, entendeu?” (Rick, 26 anos).

O constante confronto vivenciado entre parceiros de profissão culminam em ajustamentos progressivos desses profissionais com relação às normas que regem as delimitações internas a essa ordem moral. Assim constroem suas carreiras, adquirindo as competências necessárias para permanecer no mercado, cultivando os seus corpos e aprendendo técnicas de administração da apresentação de si, bem como estratégias situadas de enfrentamento aos confrontos vivenciados. As performances apresentadas nos diferentes contextos de exercício das suas atividades mantêm desse modo alguns padrões, mesmo que variantes segundo modalidades de serviços oferecidos. Constroem também nesses processos carreiras morais diferenciadas entre si, que se refletem nas atividades que realizam e refletem os posicionamentos que assumem, em termos de orientação sexual e comportamento fora dos palcos.

Ao mesmo tempo, quando estes confrontos partem de fora, em forma de acusações imputadas por outros pares, que não estão inseridos no mercado de gogo services, essa crítica é ela mesma colocada à prova, os eximindo da própria obrigatoriedade de conferir provas em contrário, em certos casos. Essa discordância, caracterizada por um desequilíbrio em termos das posições ocupadas (quem está dentro e quem está fora do próprio campo em disputa), permite aos rapazes, que com ela são confrontados, questionar a própria *validade da crítica* que lhes é imputada, validade esta que depende do reconhecimento, entre os envolvidos na disputa, “da existência e a validade de uma pluralidade desses vocabulários morais e uma possibilidade comum de mobilização de alguns deles em uma mesma situação” (Werneck, 2015: 195). Ao invés de apresentar as suas justificações, os gogo boys entrevistados redefinem a direção da disputa, nesses casos, acusando seus acusadores com base em critérios de classificação internos ao seu próprio mundo:

Cara, eu acho que é mais, vamos dizer, inveja. Tipo assim, preconceito, tipo assim, eu nunca sofri relacionado às mulheres, nunca, lógico! Agora de homens, alguns falam *ah, isso é coisa de viado, que não sei o que*, mas

quando você vai olhar o cara que fala isso, **é um cara barrigudo, é um cara velho. Nunca é um cara com um corpo maneirão que vai falar uma parada dessa** (Max, 33 anos, grifos nossos).

Entre si, a distância estabelecida com os clientes homens (pagantes do show ou dos programas) e a defesa de uma postura profissional ajudam os rapazes a compatibilizar a sua identidade heterossexual e as atividades exercidas em espaços voltados para o público homossexual. Em diferentes momentos, acionam suas estratégias de distinção com o objetivo de reafirmar o seu posicionamento sexual, e o mesmo pôde ser observado durante as entrevistas. De uma forma geral, esse público é valorizado como clientela, graças a uma lógica de justificação interna e compartilhada entre esses profissionais e que efetivam suas práticas e posicionamentos segundo um *regime de grandeza* e uma *gramática de ação* que lhes são próprias. Delimitando diferentes ordens morais, esses atores estabelecem critérios de correto e incorreto em cada contexto e que os tornam capazes de colocar em questão a própria crítica que lhes é direcionada, com base nos critérios que a fundamentam (Werneck, 2012¹⁵).

Analisando práticas liberalistas sexuais entre mulheres libertinas, Combessie (2010) destaca a formação de comunidades intersticiais, capazes de dotar tais práticas de um sentido que lhes é próprio, conciliando o paradoxo entre estas e a moralidade sexual socialmente legitimada e conferindo coerência às narrativas sexuais. Ao mesmo tempo, estas se constituem como ilhas valorativas, desenvolvidas à margem da moralidade dominante, sendo circunscritas em espaços bem delimitados, por meio de regras e de valores éticos específicos a cada micro grupo. Desta forma, é possível construir narrativas coerentes do eu, que fogem às classificações morais tradicionais, sem que sejam apreendidas como marginais ou desviantes entre eles mesmos, no caso dos praticantes de modalidades sexuais públicas ou grupais. Assim também é possível aos rapazes aqui entrevistados buscarem estratégias de efetivação das suas práticas profissionais entre seus próprios pares.

A dificuldade em contatar profissionais mulheres para a realização das entrevistas que foram a fonte primordial de dados utilizada no desenvolvimento deste artigo coloca ainda em evidência como esses recursos de efetivação são menos

¹⁵Com base em Boltanski e Thévenot (1987) o autor deste modo confere destaque ao fato de que “as operações de classificação são operações de hierarquização, estabelecendo sempre grandezas diferenciais entre os atores em situações” (Werneck, 2012: 226) demonstrando desse modo o potencial crítico dos atores que, posicionados de modos diferentes, podem se questionar mutuamente e com base em critérios que dizem respeito às posições que ocupam em um mesmo regime de grandeza ou em regimes de grandeza diferentes, como é o caso aqui apresentado.

acessíveis a essas profissionais, incidindo sobre o número de profissionais mulheres atuantes no mercado, ou ao menos no seu reconhecimento. Max, no período de realização das entrevistas, consegue contabilizar aproximadamente cinquenta gogo boys na cidade do Rio de Janeiro, entre seus parceiros mais próximos de trabalho e os profissionais dos quais já ouvira falar, por outro lado, ele declarou conhecer não mais que quinze mulheres em atividade:

não, aqui não tem muita. Até entendo a razão de não ter muita, porque o povo brasileiro é muito machista, certo? Então, o quê que acontece é... eles [os clientes]... a garota é *gogo girl*, a garota tá dançando, às vezes a garota não faz programa, ela só dança, como eu conheço algumas que só dançam, mas o público generaliza, assim, é tudo puta e tal, que não sei o que, entendeu? Isso é a cabeça do povo brasileiro. Lá fora não, lá fora, até os homens, a gente, é tratado como artista, entendeu? O nosso nome fica no outdoor, assim, da boate e tal.

Do ponto de vista do rapaz, as dançarinas teriam maior dificuldade para lidar as imputações e as fronteiras entre as atividades gogo e a prostituição. Enquanto os rapazes são vistos com admiração por suas clientes, são invejados pelos amigos que não estão inseridos no mercado e são capazes de construir um status profissional relativamente valorizado, as mulheres que trabalham com a dança erótica dificilmente conseguiriam construir uma carreira semelhante, dado o comportamento do próprio público com relação aos profissionais de diferentes sexos, do seu ponto de vista:

Deixa eu te explicar. Essa é a diferença da gente que dança e das mulheres que dançam. Os homens [clientes] que chegam nas mulheres, eles chegam pra... né? Quer uma noite e tchau. As mulheres [clientes], elas, sei lá, elas parecem gostar, constroem um sonho em volta da parada ali, sabe? Não sei o que é elas... algumas até querem só sair uma noite e tal, mas a maioria faz proposta assim: "Ah, você é o meu sonho de consumo", etc., etc. Coisa assim absurda, inacreditável. [...] tipo assim, não sei, tem umas que até falam "você nem precisa mudar de trabalho, fico com você assim, desse jeito" (Max, 33 anos).

Como gogo boy, Max ter mais facilidade para estabelecer limites confortáveis no contato com os clientes do que uma gogo girl teria, tornando menos problemática a, já conflituosa, conciliação da sua vida pública e privada. O próprio Rick afirma já ter namorado *gogo girls* em mais de uma ocasião, mas que os relacionamentos não deram certo devido ao ciúme que demonstravam. Mais do que remontar suas experiências pregressas com garotas do ramo, Rick afirma categoricamente que *não dá certo*, evidenciando a profissão da possível namorada como um importante fator para o sucesso do relacionamento, mas do que a sua própria profissão, já que ele conseguiria

manter relacionamentos estáveis com garotas que não são do ramo e que conhecem o seu trabalho:

Eu aprendi a conhecer e encarar que isso é um trabalho, entendeu? Como outro qualquer, né? Mas, assim, a gente se expõe muito, imagem, muito essa... sexualidade, né? Então é um pouco complicado, aí gera ciúmes, né? Mesmo sendo do mesmo ramo. **Eu-** E você, como lidava com isso? **Rick-** Ah, tranquilamente, eu entendia que é um trabalho, mas, da minha parte, não tinha ciúme não (Rick, 26 anos).

Ainda assim, ambos os rapazes relatam dificuldades em conciliar a profissão e a vida a dois. “É difícil alguma mulher entender a minha profissão e até eu me relacionar com alguém”(Rick, 26 anos). Max credita à agenda de trabalho conturbada de sua atual esposa o sucesso da relação, já que ela não teria *tempo pra isso*(crises de ciúmes e insegurança). Finalmente, quanto às profissionais mulheres atuantes no ramo, é necessário avaliar se sua baixa representatividade nas redes de relações dos profissionais aqui entrevistados reflete nichos de gênero, paradoxos classificatórios (que podem imputar mais efetivamente às mulheres o rótulo de prostituta do que aos rapazes) ou restrições de mercado diferentemente incisivas para profissionais dos dois sexos.

Ambos os rapazes apresentam diferentes percepções quanto ao seu *métier*. Não há fronteiras pré-estabelecidas entre as diferentes atividades *gogo*, mas a elas são atribuídas diferentes implicações morais. Consequentemente, ao mesmo tempo em que esses profissionais podem se especializar em determinadas atividades, contando com uma margem de manobra que lhes permite delimitar suas próprias fronteiras, eles são colocados à prova continuamente.

Amplamente, os relatos de ambos os rapazes apontam para uma experiência profissional estável, de conhecimento dos seus familiares e namoradas (apesar dos percalços), e bem sucedida. São homens, heterossexuais, que conseguem viver da atividade e se sentem protagonistas da sua própria carreira. Ainda assim, precisam reafirmar essa posição na construção das suas reputações, administrando seus conflitos circunstanciais e superando as *provações*.

Referências

- AGUSTÍN, Laura. 2005. Trabajar en la industria del sexo, y otros tópicos migratorios. Tercera Prensa: Donosti.
- ARENT, Marion; CARRARA, Sergio. Gênero, sexualidade, corpo e trabalho: Etnografia em um Clube das Mulheres. *Revista PSICO*, v. 38, nº 3, pp. 254-261, set./dez., 2007.

BECKER, Howard. 2008. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar.

AUTOR, Manuela Vieira. 2013. *A sociabilidade e o lazer erótico como forma social nos contextos urbanos das cidades do Rio de Janeiro e Paris*. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos dos Goytacazes - RJ.

BOLTANSKI e THÉVENOT, Laurent. *Les économies de la grandeur: Cahiers du Centre d'Études de l'Emploi, 31*. Paris, PUF, 1987.

CICCO, Shelton Y. J. DE. 2015. A balada GLS: desconstruindo o lazer dos homossexuais. PERCURSOS - REVISTA DE ANTROPOLOGIA. V. 1 (1): 1-15.

DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Sexualidade, Família e Ethos Religioso*. São Paulo: Editora Garamond, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: La identidad deteriorada*. 5º Ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1982.

KAUFMANN, Jean-Claude. 1999. *La femmeseule et le prince charmant*. Enquête sur la vie en solo. Paris : Nathan.

PISCITELLI, Adriana. 2005. Apresentação: gênero no mercado do sexo. Cad. Pagu, Campinas, n. 25: 7-23.

SILVA, Ana Paula e BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. 2011. Amor um real por minuto a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: Sonia Correa, Richard Parker. (Org.). *Sexualidade e política na América latina: histórias, intersecções, paradoxos*. v. 1, p. 192-233. RdJ: Sexual Policies Watch.

WERNECK, Alexandre. 2015. “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: Dispositivos Morais de Jocosidade como Formas de Efetivação e sua Relação com a Crítica. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, nº 1 (pp. 187 a 221).

WERNECK, Alexandre. 2013. “Sociologia da moral como sociologia da agência”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 36, pp. 704-718.

WERNECK, Alexandre. 2012. *A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.